

**CO-062 - REACTIVAÇÃO DA INFECÇÃO PELO VÍRUS DA HEPATITE B DURANTE O TRATAMENTO DA HEPATITE C COM ANTIVÍRICOS DE ACÇÃO DIRECTA**

Figueiredo Lm<sup>1</sup>; Alexandrino G<sup>1</sup>; Costa M<sup>1</sup>; Carvalho R<sup>1</sup>; Alberto S<sup>1</sup>; Martins A<sup>1</sup>

1 - Hospital Professor Doutor Fernando Fonseca

A reactivação do vírus da hepatite B (VHB) pode ocorrer durante o tratamento da hepatite C, com antivíricos de acção directa (AAD). Tem sido quase exclusivamente descrita nos casos AgHBs positivo e em nenhum caso de antiHBs positivo. O risco nos casos de antiHBc positivo isoladamente (antiHBcPI) é mínimo e a sua vigilância não está bem definida. O objectivo deste estudo foi investigar o risco de reactivação do VHB durante o tratamento com AAD nos doentes antiHBcPI.

Estudo prospectivo, numa coorte de 329 doentes com Hepatite C crónica tratados com AAD, de Fevereiro 2015 a Março 2017. A reavaliação virológica da infecção VHB foi realizada no período de 12 a 24 semanas pós tratamento. Definições de reactivação VHB: DNA VHB detectável com ou sem aumento das transaminases e aumento de DNA VHB  $\geq 1 \log_{10}$  nos casos de DNA positivo inicialmente.

Na baseline, a infecção VHB foi identificada em 125 doentes (77% homens; 53 anos  $\pm$  8,1 anos): 2 AgHBs positivo (um com critérios de tratamento que iniciou) e 123 com infecção passada (AgHBs negativo e AchBc positivo com ou sem AchBs positivo – 55 e 68, respectivamente). Estádio de fibrose: F0/F1 (n=47); F2/F3 (n=31); F4 (n=47).

Os 68 doentes AntiHBcPI tinham DNA indetectável. Obteve-se follow up com carga viral em 29 doentes (tempo médio de follow up de 87,8 semanas). A Resposta Viral Sustentada (RVS12) foi 92% (115/125): 3 recidivas; 4 óbitos e 3 perdas de seguimento. Todos os casos de RVS 12 mantiveram transaminases normais no follow up. Não se verificou reactivação bioquímica nem virológica nos casos de antiHBcPI.

Nesta coorte, a infecção passada a VHB com antiHBcPI foi prevalente (21%). Contudo, nenhum destes doentes apresentou reactivação bioquímica ou virológica no follow-up a curto-prazo. Permanece por definir a periodicidade da vigilância destes doentes.